
O telejornal enquanto espaço enunciativo de aprendizado: uma análise do quadro “Como é que eu falo, professor?”, exibido no Bom Dia Piauí¹

Rosane Martins de Jesus²
Universidade Estadual do Piauí, Teresina, Piauí

RESUMO

Neste trabalho, propomos uma análise do quadro “Como é que eu falo, professor?”, exibido no telejornal Bom Dia Piauí, da TV Clube, afiliada Globo, no Estado do Piauí. Nosso *corpus* de pesquisa compreendeu 4 (quatro) episódios apresentados entre os dias 08/06/2023 e 06/07/2023. O objetivo principal foi compreender o quadro televisual enquanto espaço de estímulo ao aprendizado. Para tanto, buscamos referências teóricas em Cerqueira e Vizeu (2018) e referências metodológicas em Benjamin (2013) e Charaudeau (2006). Após a análise, concluímos que o quadro constitui um exemplo potencial de como o telejornal pode ser usado também como lugar de aprendizado.

PALAVRAS-CHAVE: Telejornalismo; Construções de sentido; Representações; Sociedade;

Introdução

O telejornalismo veio, ao longo dos anos, se constituindo como um “lugar de referência” (Vizeu, 2009), na sociedade brasileira. É por meio dos telejornais que a sociedade se informa e muitas vezes, aprende. Embora a função primária do telejornal não seja educar, por vezes, ele contribui com o processo educacional de uma sociedade, quando, por exemplo, produz reportagens ou quadros que estimulam o aprendizado, inspiram o conhecimento e despertam a reflexão acerca de questões importantes na busca por um convívio respeitoso e harmonioso em sociedade.

O processo de planejamento de um telejornal é complexo e os telejornais locais matutinos têm uma complexidade ainda maior, especificamente relacionada à duração dos próprios telejornais. Isso porque, geralmente, eles possuem um tempo de exibição

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa – Telejornalismo do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Professora Adjunta, nível 2, do curso de Jornalismo, da Universidade Estadual do Piauí. Email: rosanecomun@hotmail.com.

extenso. No caso do telejornal Bom Dia PiauÍ - onde é exibido o Quadro “Como é que eu falo, professor?”, que é analisado nesta pesquisa - ele inicia às 6 (seis) horas da manhã e estende-se até às 8:30 horas, tendo, portanto, 2 (duas) horas e 30 (trinta) minutos de exibição.

Telejornais matutinos, a exemplo do Bom Dia PiauÍ, além de terem o material jornalístico em si (reportagens, notícias, notas, dentre outros gêneros telejornalísticos), normalmente, contam com Quadros fixos, que ajudam no processo de construção do próprio telejornal, ao passo que contribuem para a formação de vínculos afetivos. Além disso, reforçam elos significativos, pois quadros, geralmente, são semanais, o que contribui para a formação de uma “expectativa” por parte da audiência diária, quanto a exibição do próximo episódio. E, quando esses Quadros possuem um cunho informativo e educacional, a exemplo do “Como é que eu falo, professor?”, o espaço enunciativo do telejornal, também passa a ser um lugar de aprendizado.

Nesse ponto, buscamos apoio em Alfredo Vizeu (2009), quando ele ressalta que o telejornal constitui um lugar de referência, mas que também pode se constituir como um lugar de aprendizado, a partir do momento em que o telejornal “através de operações/construções didáticas pode contribuir para que homens e mulheres possam compreender o mundo da vida, o cotidiano tenso e permeado por conflitos ao qual eles têm cada vez menos acesso” (Vizeu, 2009, p.77).

Assim, inspirados no pensamento constelacional de Benjamin (2013) e compreendendo as pesquisas como um movimento processual, que se constitui a partir de aproximações, reflexões, inferências e interconexões, organizamos este artigo, em três principais partes. Na primeira, intitulada “telejornais e seus modos de falar”, abordamos as bases teóricas, que possibilitam a compreensão do telejornal também enquanto lugar enunciativo de aprendizagem. Na segunda parte, intitulada “Passos de uma análise ao longo do caminhar”, apresentamos as análises e as inferências dos episódios observados para este estudo. E na terceira parte, apresentamos nossas considerações finais, por meio de reflexões que possam colaborar para o pensar acerca de outros quadros informacionais, que possibilitem o encontro entre o telejornalismo e o viés educativo, na busca por uma sociedade mais respeitosa e democrática.

1 Telejornais e seus modos de falar sobre temáticas específicas

Na busca por serem compreendidos na sua totalidade, os telejornais usam uma linguagem mais coloquial. Bonner (2009) e Paternostro (1999) ressaltam que se o telespectador não entender algo que foi dito na ambiência de um telejornal, a responsabilidade recai sobre os profissionais que o fazem, pois eles têm a obrigação de se fazerem entender. De fato, os modos de falar no telejornal são múltiplos, mas todos seguem o caminho da compreensão coletiva.

Para Carvalho et al (2010), a forma como o conteúdo telejornalístico é entregue ao telespectador, pode valorizá-lo, ao passo que desperta a atenção e ajuda no processo de compreensão do mesmo. Isso decorre do fato de que para os autores, a finalidade do telejornal é “atrair o telespectador com bons assuntos, focados no interesse público e contados de uma forma interessante” (Carvalho et al, 2010, p.32).

Informar, noticiar, fazer saber constituem-se como finalidades do jornalismo em si. Como ressalta Vizeu (2009, p.80),

O que os jornalistas fazem diariamente é “organizar o mundo” procurando torná-lo mais compreensível. Por isso, há uma preocupação pedagógica no jornalismo que se legitima como o lugar de “poder mostrar”, de “poder dizer” e de “poder analisar”. O jornalismo se auto-referencia como um lugar de mediação, de desegredização, de revelação da verdade e orientação de homens e mulheres na contemporaneidade.

No que diz respeito à “orientação de homens e mulheres”, quadros telejornalísticos, a exemplo do “Como é que eu falo, professor?”, contribuem para a ampliação do repertório linguístico da audiência, ao passo que se propõe a ensinar e a inspirar um convívio mais harmonioso entre as pessoas em sociedade. Como reforça Paternostro (1999), “a comunicação torna possível a interação e ao mesmo tempo proporciona a convivência entre os homens já que a interação de um indivíduo ao seu ambiente e ao seu tempo está relacionada, de forma intrínseca, ao seu acesso à informação”.

Isso nos lembra Kovach e Rosenstiel (2004), quando os mesmos falam sobre as finalidades do jornalismo e ressaltam que “a principal finalidade do jornalismo é

fornecer aos cidadãos as informações de que necessitam para serem livres e se autogovernar” (Kovach, Rosenstiel, 2004, p. 31), tendo em vista que “os princípios e a finalidade do jornalismo são definidos por alguma coisa mais elementar - a função exercida pelas notícias na vida das pessoas” (Kovach, Rosenstiel, 2004, p. 30).

Dentro dessa multiplicidade de falas, de vozes e de sujeitos enunciadore, o telejornalismo vai se adaptando, se moldando às demandas da contemporaneidade e incorporando sujeitos de notório saber, principalmente quando se trata de especificidades. Assim, quadros telejornalísticos conduzidos por médicos, economistas, professores não é uma prática recente no telejornalismo, mas são cada vez mais recorrentes.

Inserido nessa tipologia, o quadro de saúde apresentado pelo médico Dráuzio Varella, no Fantástico, talvez seja um exemplo dos mais lembrados, pelo seu reconhecimento e fidelização por parte do público. Tal fidelização decorre da construção de laços e de credibilidade desenvolvidos, seja ao longo de sua trajetória profissional, seja diante do sentimento de familiaridade aprimorado após anos em frente às câmeras de televisão.

Quanto aos modos de falar do telejornalismo, Vizeu (2009, p.80) destaca que o “texto jornalístico é um espaço habitado, um universo em movimento: “ler” é por em movimento esse universo, aceitando-o ou recusando-o, indo à direita ou à esquerda, investindo mais ou menos esforço, fingindo escutar ou escutando”. Nessa dinâmica relacional, ao passo que se constroem laços de leitura, também se constroem laços de pertencimento. Daí, porque é tão importante o uso de uma linguagem compreensível, haja vista que o telejornalismo “é, sem dúvida, a primeira forma de informação e de conhecimento da maioria da população brasileira sobre o mundo que a cerca” (Vizeu, 2009, p. 83), constituindo-se como a principal fonte de informação de muitos brasileiros. Portanto, utilizar os espaços enunciativos dos telejornais como ponte para fazer chegar conhecimento a uma parcela significativa da população é um caminho válido e de muita potencialidade.

Potencialidade essa que pode ser posta em prática de diferentes formas, seja a partir de uma pluralidade temática com conteúdos e reportagens, seja por meio de Quadros informacionais, que tenham como propósito a busca pela ampliação do

conhecimento e democratização do acesso informacional. Nesse ponto, lembramos Cerqueira e Vizeu (2018), para os quais as lições ligadas à arte de educar, desenvolvidas por Paulo Freire, podem trazer grandes contribuições para a prática jornalística e, em especial, para o telejornalismo. Lições essas que “podem gerar um produto do jornalismo regado às atitudes honestas, protegidas por princípios éticos e de estímulo à transformação social” (Cerqueira, Vizeu, 2018, p.37).

2 Passos de uma análise ao longo do caminhar

Neste estudo, analisamos o Quadro “Como é que eu falo, professor?”, apresentado pelo professor de português Newton Neto, e exibido às quintas-feiras, no telejornal Bom Dia Piauí, da TV Clube, afiliada Globo, no Estado do Piauí. Para este estudo, analisamos 4 (quatro) episódios, exibidos, respectivamente, nos dias 08/06, 15/06, 29/06 e 06/07 de 2023.

Os episódios analisados abordam expressões de cunho preconceituoso que são bastante frequentes na sociedade. Apresentando também expressões que podem ser usadas como substitutas, promovendo uma construção de fala mais respeitosa e menos segregadora. A partir deste estudo, nosso objetivo principal foi compreender esse quadro televisual, enquanto espaço de estímulo ao aprendizado.

Considerando que as análises, assim como o conhecimento, também se constituem de modo processual (Benjamin, 2013), para este trabalho, o movimento de aproximação do nosso objeto, deu-se da seguinte maneira: primeiro, os quatro episódios foram acessados pela plataforma globoplay, na página individual do Bom Dia Piauí; em seguida, os episódios foram analisados, observando tanto as construções de sentido (Charaudeau, 2006), quanto os efeitos performáticos (Goffman, 1983).

Cenograficamente, todos os episódios analisados trazem uma nuvem de palavras como elemento gráfico de identificação, onde a palavra e ou expressão a ser trabalhada, aparece em destaque (figura 1):

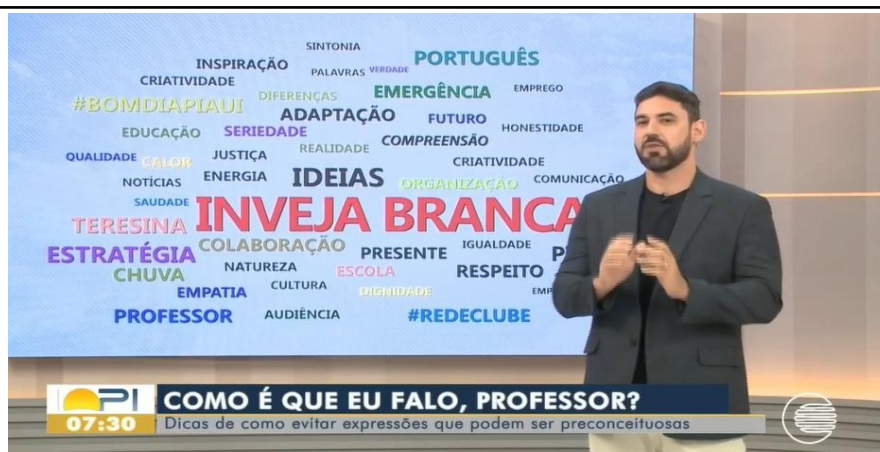


Figura 1: cenografia do Quadro “Como é que eu falo, professor?”
Fonte: Reprodução/Globo

O episódio, exibido em 08/06/2023³, abordou a expressão racista “inveja branca”. No início do episódio, há a recordação das bases do “contrato de comunicação” do próprio Quadro, como uma espécie de reafirmação de propósito. Isso ocorre quando o apresentador do Quadro, diz que está ali “principalmente, numa missão de tirar da nossa vida, tirar da nossa fala diária, algumas expressões que só fazem mal, só causam dor”. Aqui, consideramos contrato de comunicação, a partir de Charaudeau (2006), para quem “todo contrato de comunicação se define através das representações idealizadas que o justificam socialmente e, portanto, o legitimam” (Charaudeau, 2006, p.87).

Nesse ponto, ressaltamos a necessidade de um repensar quanto ao modo aproximativo, pois ao se colocar no lugar de alguém que pode “tirar”, o telejornal se coloca numa posição de autoridade, e não apenas de referência, o que pode dificultar a intencionalidade do Quadro que é o repensar acerca do uso de expressões já consolidadas na sociedade. Isso decorre do fato de que “a projeção inicial do indivíduo prende-o àquilo que está se propondo ser e exige que abandone as demais pretensões de ser outras coisas” (Goffman, 1983, p.19).

Ainda no início do episódio, há o reforço de que a expressão “inveja branca” é uma expressão preconceituosa, e de que seu uso é uma tentativa de minimizar o efeito negativo da inveja. Em seguida, o professor apresenta expressões alternativas, tais como “inveja branca, inveja menor, inveja pequena”, que se afastam do viés preconceituoso e racista, presente na expressão “inveja branca”.

³ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/11684265/>> Acesso em: 13 ago 2023.

Na sequência, busca-se a criação de um laço aproximativo com a audiência, quando o apresentador diz: “tenho certeza de que você não tem a menor intenção de ser racista ou preconceituoso e nós estamos aqui para tentar trazer para o seu vocabulário ativo essa noção muito prática, real do dia-a-dia”. E, ao final, há a reafirmação do compromisso com a audiência, quando ele encerra dizendo: “próxima semana, a gente se encontra de novo para trabalharmos outras expressões para que a gente possa a cada dia ser um pouquinho melhor”.

O reforço constante pela busca de um caminho de crescimento pessoal, ladrilhado pelo convívio respeitoso em sociedade, fez-nos lembrar novamente Goffman (1983), quando o mesmo ressalta que:

quando permitimos que o indivíduo projete uma definição da situação no momento em que aparece diante dos outros, devemos ver também que os outros, mesmo que o seu papel pareça passivo, projetarão de maneira efetiva uma definição da situação, em virtude da resposta dada ao indivíduo e por quaisquer linhas de ação que inauguram com relação a ele (Goffman, 1983, p.18).

Nesta mesma linha interpretativa, o episódio, exibido em 15/06/2023⁴, abordou o verbo “denegrir”. Assim como no episódio referente ao dia 08/06/2023, houve o reforço do “contrato de comunicação”, com a ressalva de que o Quadro passaria a abordar especificamente expressões segregadoras. Sentido este reforçado pelo uso da palavra ‘agora’:

“Todas as semanas **agora**, vamos trabalhar para que você melhore seu vocabulário e se livre de algumas expressões que são extremamente preconceituosas, racistas, machistas e que fazem mal a qualquer pessoa que se sinta minimamente ofendida com isso”.

No que diz respeito a palavra denegrir, o professor buscou referência na etimologia da palavra para explicar que o sentido pode mudar de acordo com o contexto, e com as apropriações que a própria sociedade faz das palavras. Quanta estruturação do Quadro, seguiu-se o mesmo padrão: as explicações quanto aos usos e a apresentação de palavras que podem substituí-las.

⁴ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/11701565/>> Acesso em: 13 ago 2023.

Observamos que há um caráter instrutivo bem forte, principalmente quando se diz: “denegrir, hoje, se minimamente causa algum desconforto ou constrangimento para alguma classe, deve ser evitado. Não é pode não. É: ‘deve ser evitado’”.

Há ainda a ênfase para a importância de se conviver harmoniosamente em sociedade e com respeito entre as pessoas. Isso, fica claro, quando se diz: “você se torna uma pessoa melhor em comunidade e as pessoas se beneficiarão disso. Portanto, tire de sua vida essa expressão denegrir. Use sinônimos como desonrar e difamar”.

Já o episódio, exibido em 29/06/2023⁵, abordou formas de evitar a expressão “cor da pele”. Especificamente, este é o episódio que aborda de modo mais contundente o convívio empático entre as pessoas, reforçando a importância da gentileza, ao passo que reafirma o contrato de comunicação do próprio Quadro. Como se percebe, no trecho abaixo:

“Toda quinta-feira, você já sabe, é dia de aprender português e melhorar nosso vocabulário, buscando o aprimoramento do nosso vocabulário. Essa consideração social, essa consideração em relação ao outro, a pessoa com quem convivo. É de extrema importância estabelecermos ali uma relação fraterna de harmonia, e para isso é necessário abandonarmos alguns vícios, alguns costumes e algumas expressões.”

Neste episódio, há o reforço na busca pela construção de um laço afetivo com a audiência, o que é perceptível, por meio das perguntas que subtendem a construção de um diálogo reflexivo:

“Fala pra mim, cor de pele, mas a pele de quem? A minha? A sua? Nós temos o mesmo tom de pele? Provavelmente, não. Então que história é essa de padronizar como cor de pele, aquele tom de rosa? Como dizer rosa-bebê, como se bebê, necessariamente tivesse apenas aquela cor? É claro que isso está errado. [...]. Imagine uma criança na escola que recebe o lápis de cor e na caixa o fabricante coloca cor de pele, e a criança não tem a pele daquela cor. Imagine o constrangimento. Imagine essa situação de tanta dor, de tanto constrangimento gratuito.”

A busca pela construção de laços entre o apresentador do Quadro e a audiência, por meio de um despertar afetivo, pode ser classificada como uma estratégia de aproximação, mas também de sensibilização, para promover e/ou estimular a reflexão

⁵ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/11740258/>> Acesso em: 13 ago 2023.

coletiva e quem sabe um agir efetivo acerca das questões propostas. Para essa proposição, consideramos Sodré (2006), quando o mesmo diz que, muitas vezes, a eficácia da razão, em determinados tipos de ação humana, depende dos afetos e de como estes são mobilizados. Essa busca pela mobilização afetiva é encontrada ao longo de todo o episódio que aborda a expressão “cor de pele”, sendo reafirmada ao final, com o trecho:

“É necessário que a gente leve muito a sério isso e pense sempre que a desigualdade, a discriminação é algo que está no terreno da ética. A ética vem do grego ethos que quer dizer morada humana e mora em você a iniciativa, a atitude de praticar a ética. Não é fácil, mas é necessário. Estou de olho. Passe a usar expressões que não causem dor e não ferem ninguém. É possível. Eu espero você na próxima quinta-feira para aprendermos um pouco mais. Beijo no seu coração.”

Considerando que “as pessoas são atraídas pelo propósito” (Sinek, 2023, p.51), inferimos que nos três primeiros episódios analisados para essa pesquisa é perceptível a busca por uma mobilização, um agir empático em relação aos outros. Observamos também uma tentativa de inspirar a audiência no exercício ético do viver, ao passo que são reforçados os benefícios que as palavras podem ocasionar para um convívio respeitoso e harmonioso.

O quarto episódio analisado foi exibido em 06/07/2023⁶. É o mais longo, entre eles. Tem cerca de 4 (quatro) minutos de duração, enquanto os outros têm uma média de 2 (dois) minutos. Outra diferença é que este episódio, especificamente, foi apresentado ao vivo, e contou com bate-papo entre o jornalista Felipe Pereira, âncora do telejornal, e o professor Newton Neto, apresentador do Quadro “Como é que eu falo, professor?”.

Este episódio apresenta dicas de como evitar a expressão “dar uma de João sem braço”. Logo, no início, o professor ressalta que: “nós somos educados de alguma forma, direta ou indiretamente, para temer a diferença, a estabelecer a separação. O que não é saudável. [...]. Nós aprendemos a estabelecer que é perigoso, ou pelo menos inferior, aquele que não parecer comigo”.

Ao longo de todo o episódio, o professor estabelece provocações reflexivas que tendem a estimular a empatia:

⁶ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/11759601/>> Acesso em: 13 ago 2023.

É necessário olhar o outro de modo generoso. É necessário aceitar as diferenças. É necessário parar de querer usar a diminuição do outro, para que isso sirva de degrau, para que eu me sinta superior. Quando a gente fala em capacitismo, por exemplo, a gente precisa entender que uma deficiência é um detalhe e não uma definição. E que é de extrema crueldade e mal gosto, tornar essa pessoa alvo de alguma agressividade, entendendo que isso é uma violência. As palavras têm poder.

A linguagem telejornalística é resultado de apropriações, de adaptações e do desenvolvimento de novos modos de falar, que se estabelecem, muitas vezes, por meio de testes, seja de estratégias, seja de outras formas de abordagem. Dentro dessas inúmeras perspectivas, o Quadro “Como é que eu falo, professor?”, é um exemplo possível de pluralidade.

Todos os episódios analisados para este estudo aproximativo, apresentam um discurso sensível e mobilizador, que inspira despertar o melhor do outro. Em ambos os casos, houve o reforço da necessidade de um convívio harmonioso e a ressalva de que a harmonia respeitosa passa pelo uso de expressões que não causem dor e nem ferem simbolicamente ninguém.

Pensando o telejornalismo como um todo integrado, após a análise desses quatro episódios, ousamos sugerir um caminho complementar. Na busca por aliar o telejornalismo e os telejornais, enquanto espaços potenciais também para o aprendizado, ao invés de o Quadro vim isolado dentro do telejornal, um caminho possível de integralização, seria a preparação de reportagens que ampliassem a temática, promovendo assim uma integração maior entre o Quadro e o próprio telejornal.

Considerações Finais

Há uma frase comumente difundida que diz: “uma sociedade bem informada é uma sociedade capaz de realizar suas próprias escolhas”. Apoiando-nos nessa frase, podemos dizer que o Quadro “Como é que eu falo, professor?”, ao abordar expressões preconceituosas, relacionadas ao racismo ou ao capacitismo (no caso, dos episódios analisados, no âmbito desta pesquisa) e ao oferecer expressões possíveis em substituição às expressões de cunho pejorativo, contribui sobremaneira para a ampliação

do repertório linguístico, além de contribuir positivamente na construção de um possível empoderamento linguístico da audiência desse telejornal.

Após a análise, concluímos que o quadro “Como é que eu falo, professor?”, exibido pelo Bom Dia Piauí, constitui um bom exemplo de como o lugar de representações do telejornal pode ser usado também como lugar de aprendizado. Assim, ao passo que democratiza o aprendizado, contribui ainda para a formação de uma sociedade mais respeitosa com relação ao outro.

Quadros, como esse, são exemplos potenciais, com capacidade para serem produzidos no âmbito de outros telejornais. Constituindo, assim, bons exemplos de como o jornalismo aliado à uma prática de cunho educacional, pode contribuir para a construção e/ou o fortalecimento de uma sociedade mais respeitosa. Isso porque o estímulo a pequenas mudanças na forma como se fala, além de ensinar de modo leve e prático, também reforça a importância de valores, como a generosidade, a gentileza e a empatia, ao possibilitar uma reflexão acerca do que pode vir a ser “velhos hábitos linguísticos”, ao passo que o Quadro pode inspirar o uso de formas alternativas para o falar cotidiano.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Origem do drama trágico alemão**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

BONNER, William. **Jornal Nacional: modo de fazer**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2009.

CARVALHO, Alexandre; DIAMANTE, Fábio; BRUNIERA, Thiago; UTSCH, Sérgio. **Reportagem na TV: como fazer, como produzir, como editar**. São Paulo: Contexto, 2010.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

CERQUEIRA, Laerte; VIZEU, Alfredo. **Os saberes da Pedagogia da Autonomia no Telejornalismo**. In: EMERIM, Cárlica; COUTINHO, Iluska. FINGER, Cristiane (org). **Epistemologias do telejornalismo brasileiro**. Florianópolis: Insular, 2018.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis, Vozes, 1983.

KOVACH, Bill; Rosentiel, Tom. **Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir**. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

PATERNOSTRO, Vera. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

SINEK, Simon. **Comece pelo porquê: como grandes líderes inspiram pessoas e equipes a agir**. Rio de Janeiro: Sextante, 2023.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

VIZEU, Alfredo. O telejornalismo como lugar de referência e a função pedagógica. *Revista FAMECOS*, 16(40), 77–83. Disponível em: <<https://doi.org/10.15448/1980-3729.2009.40.6321>> Acesso em: 09 jul 2023.